

Quando as pedras ficam lisas



LASANA LUKATA



Quando as pedras ficam lisas

Lasana Lukata

Lasana Lukata

Quando as pedras ficam lisas

1ª Edição

Quipá Editora

2026

Copyright © Cláudio Alves da Silva

Todos os direitos reservados

Esta obra foi publicada pela Quipá Editora em 2026. O conteúdo, bem como seus dados, forma, correção e confiabilidade são de exclusiva responsabilidade do autor. Devem ser atribuídos os devidos créditos autorais.

Quipá Editora
www.quipaeditora.com.br
@quipaeditora

Conselho editorial: Me. Antoniele Silvana de Melo Souza, UESPI; Dra Anny Kariny Feitosa, IFCE; Dra. Érica Machado, UFRN; Dra. Maria Antunízia Gomes, IFCE.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586q Silva, Cláudio Alves da

Quando as pedras ficam lisas / Cláudio Alves da Silva . — Iguatu, CE :
Quipá Editora, 2026.

137 p. : il.

ISBN 978-65-5376-545-0 DOI 10.36599/qpedit-978-65-5376-545-0

1. Poesia. I. Título.

CDD B869.1

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

*Soy un lázaro
con las uñas esculpiendo
mis heridas
hasta formarse el poema*

LL

De tanto usar o mar...

Na parede chapisco...

Na areia rabisco...

Na água arrisco,

absurdamente insisto...

usucapir o mar.

Serei poeta.

nem que seja por usucapião.

PREFÁCIO

Não há improviso neste livro no sentido frágil da palavra. Há, antes, resistência. Quando as pedras ficam lisas nasce do encontro entre acontecimento e rigor. O poema aqui não é fruto de espontaneidade, mas de atenção extrema: algo irrompe no mundo — um gesto, um corpo, uma ave, uma máquina, um sistema — e a linguagem é forçada a responder com precisão ou a se desfazer. O que não corta é descartado. O improviso, neste caso, não dispensa a técnica; exige-a. A poesia de Lasana Lukata trabalha sob tensão constante entre controle e colapso. Os poemas não se entregam ao fluxo lírico nem ao discurso explicativo. Cada verso parece testado contra sua própria necessidade de existir. O que permanece é o que resiste à poda. O que fica liso, sai. Ao longo do livro, o leitor percebe que a linguagem nunca é neutra. Ela participa de sistemas, reproduz violências, organiza privilégios. Em poemas como *Jogo de brilhar*, o mundo aparece como engrenagem: sujeitos que se imaginam centrais — como diz o autor, sofrendo de obsessão hierárquica —, instrumentos que comandam, objetos sacrificados para que alguém pontue. Nesse sistema, os avisos não circulam de modo igual. Há um mundo paralelo que opera por códigos ocultos: seus agentes são esteganógrafos, glossotômicos; não pedem silêncio, exigem omissão — espeta o autor —, e o aviso só chega a quem está dentro do vespeiro. Para os demais, não há alerta — apenas o acontecimento. O poema não acusa; expõe. E expor, aqui, é gesto político — como observou, entre riso e advertência, a professora Cláudia Márcia Rocha ao ler um poema do autor: “Tenho pena de quem cair no bico da sua caneta. Você não é mau; você é cruel.” Dessa fala, inclusive, nasce a faísca que dá origem ao poema *Garça descontrolada*. Essa atenção crítica alcança o próprio léxico. Em *Necrópolis*, o poeta leva o gesto ao limite ao distinguir cemitério — lugar de repouso — de necrópolis, cidade dos mortos. O que está em jogo não é o espaço físico, mas o regime de sentido: palavras que suavizam a morte e palavras que a organizam como sistema. Quando o vocábulo alisa a violência, ele é recusado. Mas Quando as pedras ficam lisas não se esgota na crítica. Há também o corpo — marcado, medicado, sobrevivente — e o mar, não como metáfora romântica, mas como experiência concreta de trabalho, risco e perda. Em *Porto*, por exemplo, o poema é invenção e escuta. O mundo se oferece em coincidências improváveis — ar, água, máquinas, animais — e o poeta, em vez de registrar a imagem, registra o

acontecimento em linguagem para transfigurá-lo. O poema surge como abrigo provisório, nunca como superfície polida. As aves que atravessam o livro — garças, biguás — não funcionam como símbolos ornamentais. São modos de pensamento. Ensinam uma ética da espera, da economia do gesto, da precisão do ataque. Contra a aceleração contemporânea, esses poemas operam por atenção prolongada e corte súbito. Há diálogo com a tradição — do imagismo à poesia crítica moderna, do mito à cidade —, mas sem reverência passiva. A herança é tensionada, atravessada, às vezes ferida. Em Salomão e Polifemo, o poema sustenta uma tese: a sabedoria que se absolutiza termina cega, e o mito reaparece não como resposta, mas como pergunta deslocada. Este livro não promete conforto. Tampouco oferece redenção. Ele propõe ao leitor uma experiência de atrito: poemas que se organizam como sistemas e, às vezes, falham; versos que brilham e, às vezes, resvalam no rude; palavras que se recusam a ficar lisas para agradar ao gosto ou ao consenso. Quando as pedras ficam lisas é, enfim, um livro sobre aquilo que acontece quando o mundo não avisa — ou avisa apenas aos que dominam o código — e a poesia, ainda assim, escolhe a aresta.

A. S. professora de Literatura Brasileira

SUMÁRIO

Epígrafe	
Prefácio	
I	14
Geofagia	14
Golias	15
Páginas Brancas	16
Tekton	17
Inventário	18
Receita de Poema	19
Poética do sorrir	20
Bela	21
Motivos	22
Condensada biografia	23
Amo-te	24
.gov	25
Plasticidade	26
O cair do tecido	27
Denso dossel	28
Lua cheia	29
Damas	30
Condensação	31
Imprestável?	32
Garça Flasheira	33
Insípida clara	34
O outro lado do arco-íris	35
A boca fechada de Swift	36

La boca cerrada de Swift	37
Galáxia	38
Escrevo	39
Desaufraga-se	40
Rima infantil	41
Depressão	42
Princípios da Solidariedade e Hospitalidade	43
Entardecer na Praça Mauá	44
Trilogia da sapata	46
Tigmotropismo	47
Gavinha	48
Na parede	49
Sintaxe Mercantil	50
Poetiscar	51
II	53
Jogo de brilhar	53
Águas de lastro	55
Tubarão	56
Logomaquia	57
Os dirigentes barxistas	58
Capa do Mundo	59
Litofagia	60
Altura de garça	61
Travessia	62
Natal	63
Fábrica de ilusões	64
Poema para todos	65

Teologia dos insetos	66
Um foda-se para Deus	67
III	68
Porto	68
Como árvores	71
Transmover das ondas	72
A vida	74
Silhuetas	76
Para observar horizonte	78
Vulneráveis	79
Passarinho psicodélico	80
Farmacologia do Afeto	81
A última pedra	82
Obstupefato	83
Violino	84
Feltro	86
Novas aventuras	88
Brutal carpintaria	89
Fogo de Santelmo	90
IV	94
Garça heterônima	94
Aristocracia	96
As fragatas	97
Garça descontrolada	99
Biguá	102
Necrópolis	103
Tríade do fracasso	105

Salomão e Polifemo	106
Bigodeira	108
Aprendiz de Marinheiro	109
Da Linha Vermelha	111
Poemas da madrasta	112
Madráspide I	113
Madráspera	114
Quina de Ás	115
Mesóclise	116
Gramática Reflexiva	117
Separação de sílabas	118
Trilogia do despedaçamento emocional	119
Diplomacia Escravagista	120
Medeia	121
Telêmaco	122
Rocha da Separação	123
Roda Gigante	124
Semelhante	125
Etimologia	126
Uma casa com bonecas	127
Ícaro	129
Ruinaria	130
Ciclopa	131
Porta	132
Epitáfio	133
A gramática como experiência	134
A sintaxe da queda: uma trilogia gramatical	138

Trilogia da Pedra
(Epopéia Mineral)

I

Geofagia

A poesia é como as aves litófagas:

quando as pedras ficam lisas,

elimina.

ingere

as mais afiadas.

Golias

Pedra afiada —
por desleixo
arredonda-se na água,
vira seixo,
sem hidrorrepelente,
pedra fria,
pedra podre,
não na funda,
no meu coldre.

Poesia sem aresta
não presta:
além da testa,
pedra voadora,
impacta e corta
a cabeça da palavra.

Páginas Brancas

Na casa falava-se do Joaquim
que trabalhava a pedra,
português dos olhos verdes,

até o dia em que descobri
uma tia preta de olhos verdes.

minha avó era preta e musicista.

e comecei a compreender:
era preciso enegrecer
as páginas brancas da história.

Tekton

I

Tarde atijolada,
o pai pedreiro
trabalha no céu.

II

Noite iluminada,
o pai pedreiro
trabalha no céu
serrando as pontas das estrelas
para as crianças que subiram cedo
não se machucarem ao brincar.

Inventário

como lobo, palavra em
matilha, não teme fogo:
inverte o jogo,

de pedra em pedra,
saltando de perda em
perda,

depois de três enfartos,
picado por agulhas,
mordido por insetos,
expulso como os fetos,

vim aqui dizer:

VIVA.

LASANA LUKATA



Receita de Poema

100 gr de palavras,
uma cabeça de lógica,
2 colheres de nada,
5 xícaras de tudo,
depois fique mudo,
lave as palavras, enxugue-as
unte-as com inspiração,
esmague a cabeça de lógica,
mexa até transcender,
deixe o poema ferver,
sem o leite transbordar.
poema é leite:
ferveu, derramou,
apaga o fogo.

Poética do sorrir

Meus poemas são orfanatos de palavras
que não têm para onde ir.
Por exemplo a palavra losna
não tem onde dormir.

Bela

Bela,
já estive na cela—
procela—
onde a vida flagela
e a poesia flabela
excitação.

Motivos

Marinheiro expulso da Marinha
a bem da disciplina,
real motivo seu rosto marcado
com cicatrizes da varíola.
não tive catapora, cachumba, varíola,
mas tenho um rosto desfigurado por palavras.

Condensada biografia

Nasceu o menino na rua Abílio Machado.
estudou no colégio Virgílio Machado.
aprendeu petreamente sobre o Rio Machado.
trabalhou arduamente no Largo do Machado.
demitido injustamente pelo doutor Machado.
desmembrado da família
por madráspero machado.
para onde seguia, se erguia o machado.
disparou contra ele o tenente Machado.
tentou namorar a professora Machado.
a vida o exibia como homem manchado.
onde cavava, flutuava um machado.
em mãos erradas é terrível o machado,
muitas vezes pensar ser hominívora lâmina
e isso, por dentro, o deixava mexido.
no jongo ouvia a palavra machado.
sempre teve o caminho cortado.
até por quem estava ao seu lado.
apesar do trabalho, fruto esperado.

Quando as pedras ficam lisas

Amo-te, arado tarado pela terra.

**onde tudo se move
para quê “.gov”
que tudo se love**



LASANA LUKATA

Plasticidade

Teu afeto, com flecha de ouro,
acertou o Cupido...

e tudo seria alarido

se em teu ouvido,
o diabo que não chega sólido,
mas derretido,
tanto compra como se vende,
não tivesse despejado
palavras de chumbo.

e agora "sin rumbo", sucumbo.
o coração esticado
como um bumbo,
mas em som seco e abafado,
marcando o ritmo
da perda.

O cair do tecido

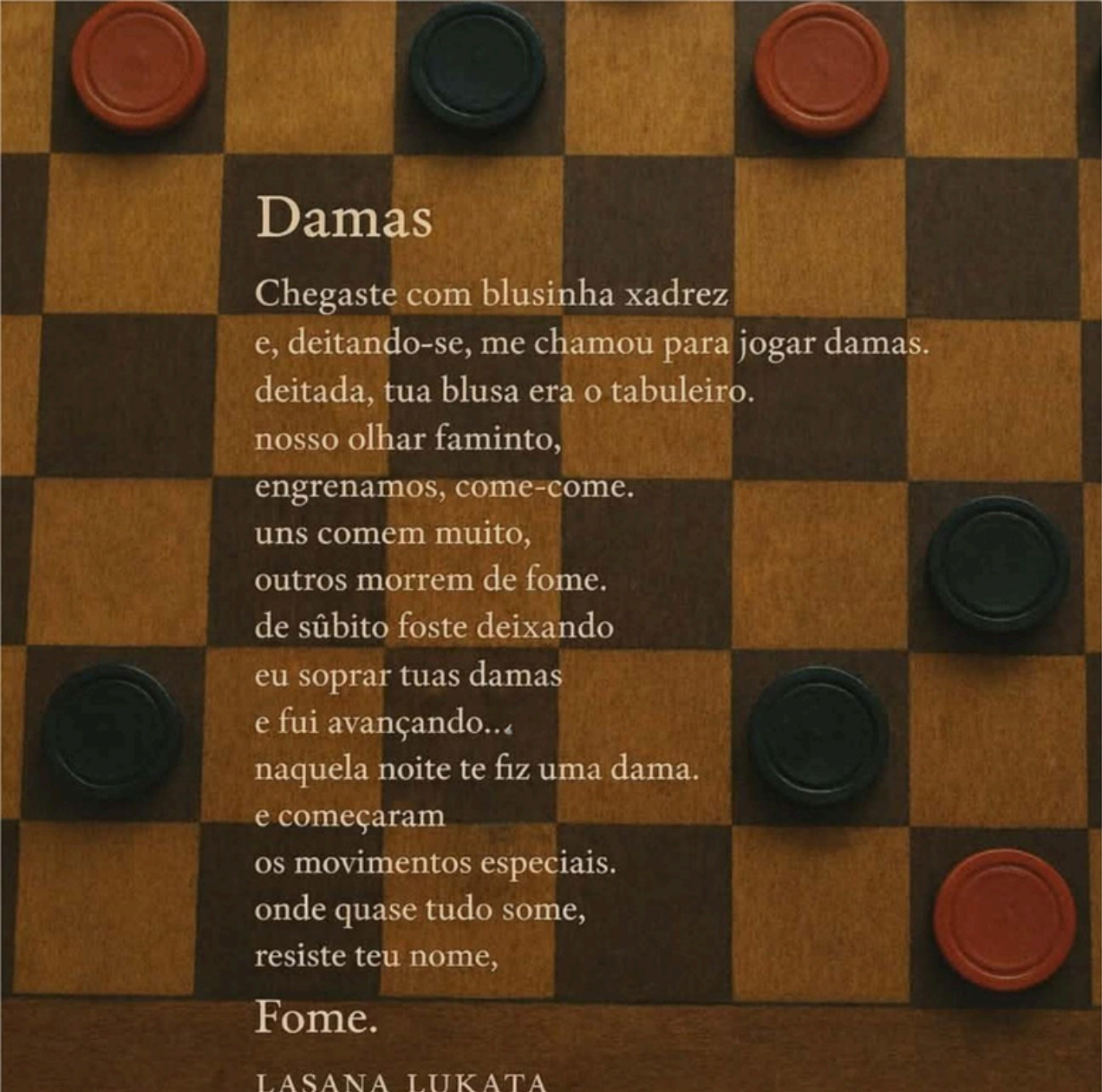
Sai do banho enamorada,
a garça traz luminosidade ao rio.
fluida, esvoaçante,
em camisola branca,
valoriza curvas;
de ciúmes as vistas turvas,
disparo no infiel tecido de cetim.
o vento a aflautar-lhe os seios.

Denso dossel

Raiz da Serra,
a professora avisou, fui aprovado
e começamos a nos tocar
como as árvores se tocam pelas copas...
pleno dia, luz limitada, própria aos amantes,
a alta transpiração das árvores
e dos nossos corpos potencializava a umidade.
se era pouca a penetração da luz,
grande a inundação de sementes,
admitidas por suas coxas, trazidas pela cachoeira.
passou a tarde matriculando meus lábios em seus seios.
e veio o êxtase, apoteose,
uma overdose de cores vinda dos altos,
colorindo seus contraltos.
deitados, admirávamos a camada contínua,
a densa folhagem,
um céu verde,
estrelado de orquídeas.

Lua cheia

A lua nau na fraga
náufraga naufraga
e o mar se agita,
sapo que grita sua fêmea,
fortes ondas,
libera espumas,
protegidos por cardumes
coniventes.
e vem a lua à superfície,
(passou o dia com o mar),
passar a noite com o céu,
e ela brilha,
desnaufraga-se -
em sua cósmica ilusão-,
a lua cheia de esperma.



Damas

Chegaste com blusinha xadrez
e, deitando-se, me chamou para jogar damas.
deitada, tua blusa era o tabuleiro.
nosso olhar faminto,
engrenamos, come-come.
uns comem muito,
outros morrem de fome.
de súbito foste deixando
eu soprar tuas damas
e fui avançando...
naquela noite te fiz uma dama.
e começaram
os movimentos especiais.
onde quase tudo some,
resiste teu nome,

Fome.

LASANA LUKATA

CONDENSAÇÃO

condomínio
edifício
casarões
kitchnet
não importa
poesia
sobretudo
na soleira
da porta



LASANA LUKATA



Imprestável?

Pavuna Ipanema

água ruim

sem peixe

sem pesca

mas Pavuna dá pavana;

Ipanema só poema.

Garça flasheira

Alativa visando peixes grandes
se economiza para o gesto brusco,
na água fisga apenas um molusco.

Insípida clara

**Uns gostam da clara.
Para outros, a gema.
a clara, sem gosto;
a gema se espalha
e nasce o poema.**

LASANA LUKATA

Outra face do arco-íris

À tardinha de risadas irisadas,
tons de vida verde e rosa,
este mundo saturado de vermelho,
um vermelho todo prosa,
de seus laços de sargaços e enxofre,
mundo em festa com bolhas de sabão,
o sol passando por gotas de lágrimas,
colorindo um sofrimento,
foi a gema do poema.

A boca fechada de Swift

Dizem: é muita a tua fala.

concisa, sim; omissa, não.

ah, poesia, o que querem?!

capinar palavras dos teus lábios

e a boca ficar deserta.

La boca cerrada de Swift

Dicen: hablas mucho.
concisa, sí; omisa, no.
ah, poesía, ¿qué quieren?!
desherbar las palabras de sus labios
y la boca quedar desierta.

Galáxia

Meu avô puxava cobra para os pés.
meu pai puxava balde de massa na obra.
não me deixaram plantar, erguer paredes,
enviaram-me ao mar, puxar as redes,
entupir as sedes de poemas.
não era gravidez nem lactância,
dos seios da noite
inesperada galactorreia
de estrelas cadentes
sustentava a poesia
nos meus olhos naufragados.

escrevo
para me comunicar com as almas,
porque me chamo poema,
para não ser devorado pela omissão.
garça branca, noite escura,
mais noturna a solidão,
tudo foi literatura.



LASANA LUKATA



Desnaufraga-se do mar a lua cheia.
invisível é a linha que a tenteia.

Rima Infantil

Desnaufraga-se do mar a lua cheia.
Invisível é a linha que a tenteia.
rabiola dessa lua, uma sereia,
pendurada, quer o brilho que prateia.
ou será que está fugindo da baleia?
Desinverno-se do mar a lua cheia.
só um menino a puxa e solta, da areia.
e, de repente, vem o vento e a incendeia.
ganha altitudes e enxerga minha aldeia.
fica o mar a espumegar de cara feia:
— Lua é minha! — e na pedra ele pranteia.
para Odisseu o mar foi líquida cadeia,
como a rima para mim é uma teia.
lanço poemas, o algoritmo bloqueia,
e uso a tela da inventiva lua cheia.
Mar, o céu é outro mar, por onde passeia,
basta a língua que poetas sempre freia.
sua garça não assobia, resmoneia.
sem fecundidade, a vida cambaleia.
poesia que dá nome e desnomeia,
e os vocábulos, por séculos, barbeia.
muito boa-noite, meu nome, LASANA,
denso fragmento da poda poundiana.
desinverno-se do mar a lua cheia,
que fosforesce a luz do sol e brilha híbrida,
essa lua, no futuro, demolida,
afogada pelo insano Marinetti.



DEPRESSÃO

**Uns se jogam embaixo do trem.
Outros saltam de cima da ponte.
Minha professora, depressiva,
se jogava embaixo do marido da vizinha.**

LASANA LUKATA

Princípios da Solidariedade e Hospitalidade

Gasto minha energia com poesia,
aos olhos de muitos este ofício, desperdício.

Gasto minha energia com poesia,
aos olhos de muitos estou me matando.

ou sou pedra afiada contra o Estado?

dizem que perco tempo.
tempo é poesia.

salvei mulheres, meninas pulando da ponte,
da frente dos carros,
salvo palavras suicidas,
confronto o convite do abismo,
convido-as morar num poema.

Entardecer na Praça Mauá

Nuvens bêbadas de vento
já urinaram a praça toda...
três apitos de navios
chamam por ti a partir;
sete apitos de marujo
arriam a bandeira;
nove lentas badaladas no Mosteiro
são sinos do sono do sol,
canoro poente,
o mar não tarda a naufragá-lo
com as sete cores do arco-íris,
a vida tem seus exílios.
tudo se afasta.

a tarde dardeja seus últimos suspiros.
transtorna ofídias em orquídeas.
o porto como um horto
florido de transatlânticos, veleiros
é para outubro, rostos dourados.
quatro ventos, só o Oeste na baía.
andorinhas, voos rasantes
à superfície do poema,
fazem seus ninhos
nas cavidades entre palavras,
há cantares, garças brancas.
a boia verde acende a melancolia
e vão chegando pescadores

para içar as dores de mar vazio,
pequenos peixes,
feixes de estrelas agonizantes
começam a fosforescer.
depois da chuvarada,
surge o poeta,
em zigue-zague,
versos podados por raios,
para exercer o ofício
de hastear a lua,
pratear seu rosto.

Trilogia da Sapata

Tigmotropismo

a trepadeira que com sua gavinha
(gavinhas se enrolam em objetos próximos),
branda, subia astuta pela varanda,
se apoiava no marido da vizinha,
e no seu corpo e no soldo de Marinha,
e nas vantagens e em tudo o que ele tinha...

e cada gavinha virava cordame,
e cada botão se abria em velame,
e só assim a flor chegava ao sol,
mas zelosa tesoura, corte ligeiro –
manhã nublada - ficou sem marinheiro.

a vizinha em muitas iras sombrias,
podou-lhe o galho, afundou-lhe as travessias.

trepadeira antes oceano sem fim,
voltou a ser pedras e rotina e capim.

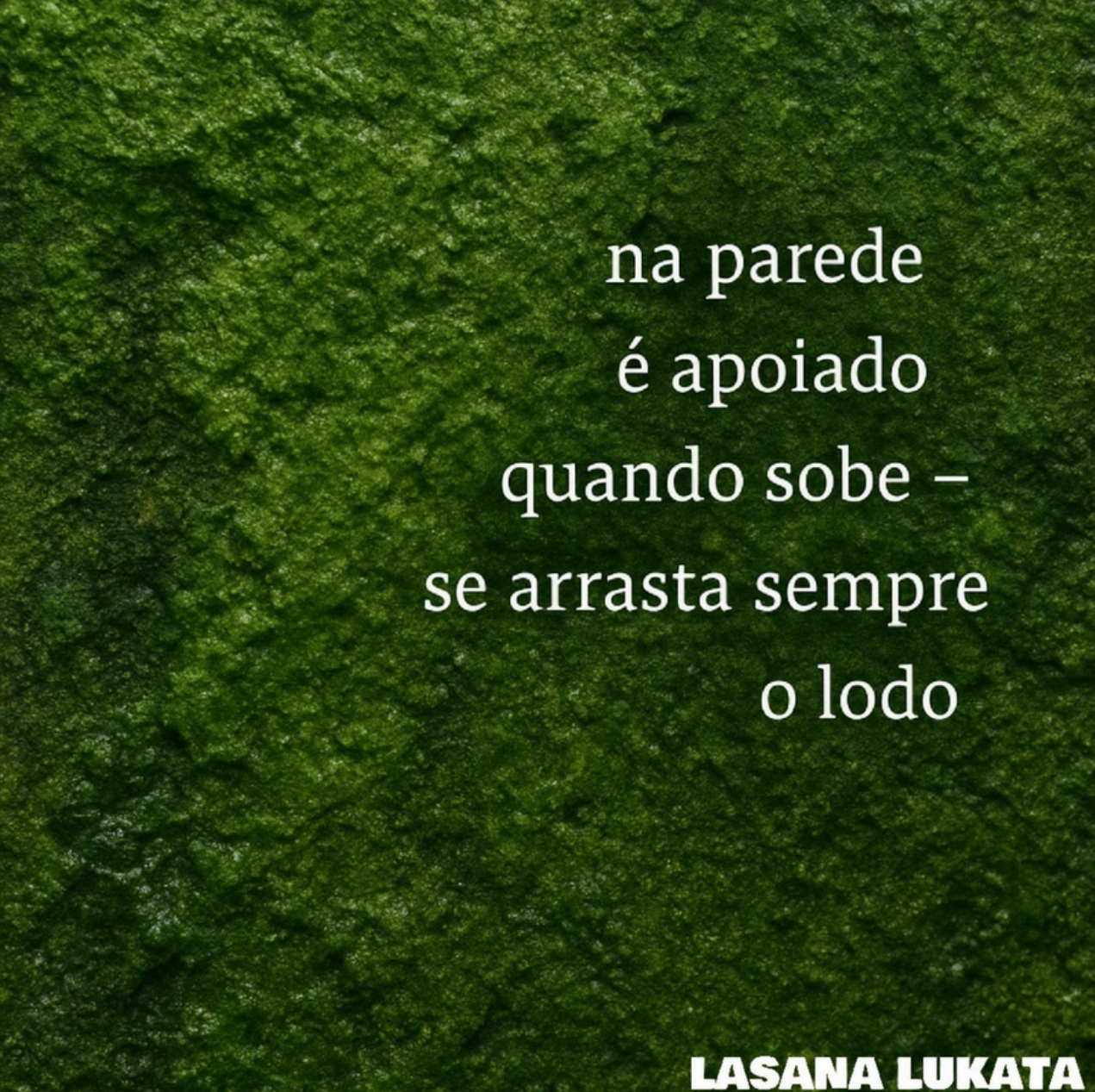
LASANA LUKATA



GAVINHA

enfebrecido
no úmido rastejo.
desejo de cordame.
de urdume,
incorporar.
não adorno,
mas bordado.
ensaio de gavinha.
um quase-ramo.
a quase-mão,
abraço abrasador.
na parede,
cada fenda um abismo.
sobressaltos de hipismo.
à sombra da primavera,
lento lodo –
do chão se levanta
a vontade de flor.

LASANA LUKATA



na parede
é apoiado
quando sobe –
se arrasta sempre
o lodo

LASANA LUKATA

Sintaxe Mercantil

Compra-se poema com defeito
para retirada de versos.
pagamento na hora.
preço justo.

Vendo poemas
a duzentos metros da poesia.

Troca-se verso.

Vende-se Melancolia.
Nunca deu defeito.

Vende-se um político.
Zero bala. Nunca foi usado.

Vende-se esta asa.

Demolimos poemas,
Demolição sob medida.

Vendo ira, brigas, dissensões, facções.
Tudo barato. Motivo: mudança.

Grande Liquidação de rins.

Conserta-se inveja
Orçamento grátis.

Poetiscar

Quando nasci, meu pai me levou
ao engenheiro
que apontou o clinômetro
para ver a minha inclinação.

família de pedreiro
a inclinação era puxar
balde de massa na obra
ou cobra para os pés,
seguindo o índio, outro avô.

o clinômetro oscilando,
disse o engenheiro:
inclinação para poesia.

e eu não entendia.
todo vendedor de enciclopédia
que passava,
meu pai comprava para mim.

bem perto de partir,
contou-me a história do clinômetro.

morango, cereja e uva.
o vendedor de livros
subia o morro arborizado
onde as pré-adolescentes da escola,
com seus frutíferos lábios, diziam:

só mora bicho.

e eu, arborícola

das idades primevas,

desci as árvores para beijá-las.

congênita, comecei a poetiscar,

caçando versos

com a ajuda das aves

de asas azuis.

II

Jogo de brilhar

Sinuca, bolas presas numa mesa
com ganas de liberdade.
seis caçapas, seis abismos,
a bola branca, principal,
bola branca, principessa.

tem o taco, instrumento,
a golpear a bola branca,
por sua vez a outra espanca
e as bolas se espancando,
a bola branca principal
ou o taco é principal?

pesadas bolas de bilhar,
imaginei jogar sinuca
com as coloridas bolas de sabão,
sem o giz da aderência,
aspereza e controle.

controlada pelo taco,
a bola branca se envaidece,
sou a única tocada!

golpeada, ela golpeia
a bola verde,
a amarela,

a vermelha,
a marrom,
a bola rosa,
a bola azul,
a bola preta.

e nas caçapas
vai escondendo o colorido.
a bola branca, sujeito,
sujeito sujeitado;
outras bolas, objetos,
objetos de pontuação.
(você pontua para alguém)

e de país a país varia o jogo,
mas no bilhar a brilhar
sempre a bola branca,
na tentativa de ocultar o colorido.
ocorre que- às vezes-,
ela resvala e suicida.

Águas de lastro

Xadrez, primeiro lance, peça branca.

Dama, primeiro lance, pedra branca.

Sinuca, primeiro lance, bola branca.

Bocha, primeiro lance, bola branca.

Weiqi, primeiro lance, pedra preta,

mas indeniza a desvantagem com

ponto ao fim do jogo pedra branca.

e ninguém compensa a pedra preta,

sobrevive de estratégias, improvisus.

a igualdade acontece a longo prazo.

as pedras de lastro ainda se movem

nesse mundo adernado por boreste.

Tubarão

Introvertido silêncio,
com sua cauda preênsil,
mão
pendurada na omissão.

eis o nosso

tubarão

e sabe em que direção
vão nadar peixes menores?
haverá vias melhores?
não te importa a direção?

Logomaquia

A primeira vez que me viu
o oficial do exército arqueou as sobrancelhas,
dizendo: se é em outro tempo
você já estaria morto
pelas palavras que escreve.

(eu escrevia para jornal).

e como Eliseu fitou fixamente Hazael,
pude ver em seus olhos
o meu poema cercado de soldados.

Os dirigentes barxistas

Lapas que se creem ostras,
querem subordinar a poesia,
subornar a poesia,
querem a poesia subsolo,
poesia submarina,
poesia subséssil,
poesia sublingual
poesia sub,
e oferecer uma subdose.

Capa do Mundo

Capa do Mundo

Capa do Mundo Feminina

Capa do Mundo Sub-20

Capa do Mundo Sub-17

Capa do Mundo de Futsal

Capa do Mundo de Futebol de Areia

Capa América

Capa América Feminina

Capa de Ouro da CONCACAF

Capa das Nações CONCACAF

Capa do Caribe

Eurocapa

Capa Africana das Nações

Capa da Ásia

Capa da Itália

Capa Intercontinental

Capa Libertadores

Capa Sul-Americana

Capa dos Militares

Capa Juvenil

Capa de Base

Capa do Brasil

Supercapa do Brasil

Supercapa do Supremo

Supercapa da Espanha

Supercapa da Alemanha

Supercappa Italiana

Capa do Mundo.

Litofagia

Litófaços,
vivemos entre pedras
a escolher
pedras lisas do ribeiro para derrubar gigantes
ou afiadas para alimentar pássaros,
degolar injustiças.

Altura de garça

Fui traído por minha mãe
Traído pela madrasta
Traído pela mulher
Traído
Traído
Traído
e dizem que vivo só;
e veio a religião me dar mão,
a politicagem me dar mão
sem visão
não viram que ando pelas ruas
de mãos dadas com a Linguagem
e tivemos muitos poemas,
democraticamente,
uns parecidos com ela,
outros parecidos comigo
e ela não me trai.
não correspondo
por não estar à altura
de toda a envergadura.

Travessia

Minha travessia

Cheia de ventos contrários.

Natal

A praça iluminada.
Igreja da Matriz, coração dividido.
no centro, o Festival das Luzes;
à margem, o Festival das Cruzes.
E quantos crucificados,
não chamados para cantar!
O trem passa apitando,
separando os festivais.
Se a cada dobrar de sinos,
dobrassem os salários,
mas, dobram-se os mendicantes,
nas praças, sedentários.

Fábrica de ilusões

Fábrica de ilusões
produz lesões, losna,
a poesia rosna.

prisão de palavras,
poesia concreta, palavra-coisa.
política, coisa-palavra.

palavra discurso, caverna
onde o urso não hiberna:
devora horizontes.

Poema para todos

Sobrevivência para todos.

consciência para todos.

dignidade para todos.

prosperidade para todos.

a conta?

cadeia para todos.

Teologia dos insetos

Em Caxias entramos na igreja
E Cristo coroado estava em pé,
no lado esquerdo da entrada.
sobre a coroa maribondos,
meu Deus, ainda mais espinhos?!
Nenhum lhe deu uma ferroadada.
o vespeiro reunido, arrancou
a coroa de Herodes e Pilatos
e os pilotos-marimbondos
deixou cair a coroa em um lixão
se esfarelando toda
com auxílio dos cupins.

Curso de História do Recôncavo Fluminense – SESC-Meriti

Um foda-se para Deus

Desde que a velocidade aumentou
e a chegada do metrô,
pelas frias lixeiras das esquinas,
troncos esquadrejados
caem como mastros abatidos,
naufrágio da cidade.
nos ramos, filhotes de passarinho,
não chegaram a abrir os olhos...
desde que a velocidade aumentou
e a chegada do metrô,
diminuiu o verde dos quintais,
ninguém que ir embora do chaprisco.
vai-se por outros motivos...
Formigueiro das Américas,
vamos fazendo puxadinhos,
abatendo árvores,
derrubando ninhos,
ouvindo sonora paisagem,
metálicos gorjeios,
relaxados, acolhidos,
às seis da manhã,
na estação do metrô.
poda-se árvore,
foda-se árvore!
dizem os filhos de Astarthé.

III

Porto

O helicóptero,
o avião
e o navio.

Voltívolos,
turistas vêm,
turistas vão
ao alvedrio.

o helicóptero,
o avião
e o navio.

e surge o drone,
se põe ao lado
do helicóptero,
do avião
e do navio.

na praça, três palmeiras.
no navio, três apitos.
três fragatas no céu,
nos drones, armamentos,

no helicóptero,

no avião
e no navio.

Multívolo,
eclético, lapidícola,
todas as tardes,
aqui no porto,
entre as pedras,
me homizio.

o helicóptero,
o avião
e o navio.

a raia salta,
busca o sol,
está com medo,
está com frio.

o helicóptero,
o avião
e o navio.

o sino toca,
o sol se põe,
bandeira arria
sob assovio.

o helicóptero,
o avião

e o navio.

Velívolo

ganha o mar o teu navio,

some nas vagas,

esculpe chagas

e só restaram

o helicóptero,

o avião

e o vazio.

Quando as pedras ficam lisas

Como árvores,
pessoas dão flores sobre a terra.
Por baixo, as raízes se estrangulam.

Transmover das ondas

Na Divisão de Transportes,
todos os dias o Aviso Oiapoque
transportava pessoal,
conduzia os vivos.
ouvíamos risadas, piadas,
queixumes, fazíamos “Guerras de Marinha”
nesse líquido teatro de operações
chamado mar.

Um dia saímos da Ilha de Mocanguê
para a Ilha de Paquetá. Para quê?
a embarcação vazia,
eu era o contramestre,
o mar verde silvestre,
deparei-me avante
com o caixão de um ilustre
cuja balsa dançava valsa
e a onda falsa tornou-se salsa,
entristeceu a mulher descalça,
que do vestido arriava as alças
para alegrar seu marujo na areia.

se buscava riquezas,
aspirava proezas,
se foi esmagado
na opressão do abismo,
não sabemos.

nessa nova descida
já não pesa mais nada.
o sargento em silêncio,
numa perna só,
garça cinza pousada na proa,
pescoço encolhido, asas fechadas,
ao lado do caixão, 50 cm,
um caixãozinho,
morreu ainda o passarinho
a ser enterrado no Cemitério dos Pássaros,
junto aos restos mortais de marinheiros

da Revolta da Chibata.
seguíamos viagem acompanhados
por um cortejo de tainhas:
- Sempre nos dava pão!
Nunca em suas mãos, garateia...
e prosseguia a pequena Odisseia,
também vieram tartarugas, moreias,
prestigiando o mareante.
duros ventos do vendaval
ao ver o morto sossegaram.
coloquei a capa com capuz
o sargento perguntou, o que é isso?
- Sargento, nas bochechas
de bombordo e de boreste
está U43,
na popa escrito Oiapoque,
mas hoje- a transmover um morto-,
somos barco de Caronte.

a vida

a vida num tom aborrecido
de ajudante de caminhão
fazendo entrega, disse:
toma aí as tuas pedras!

pedras que não pedi.
e mais pedras vindo à superfície.
peixe-pedra, pedra epitáfio,
pedra do sim, pedra do não,
pedras negras, pedras inelegíveis.

o orvalho em busca de flor
beijava lodo.

eu que fui apanhado
em flagrante humanidade,
— garça foragida.

o peso do petróleo do pecado
nas asas não deixava ser alado,
quase impossível de limpar.

e a vida, diante de mim,
pôs uma estrada pedregosa,
pedras verdes, musgosas pedras,
onde não pude me firmar.

pedras extraídas da caverna
de Salomão.

milheiros de pedras, pedras de lastro
que davam estabilidade aos navios.
como ter os pés no chão,

deixar rastro luminoso
como fazem os caracóis,
se encontrei fogo nas pedras
e faíscas me queimaram?
passaram eras tirando
e me atirando pedras.
pelas feridas da lua
passam nuvens orvalhadas.
às vezes, brisas de pedras.
minha cabeça a navegar,
bibliotecas de estrelas,
na diáclase, a garça fiska
o peixe petrificado,
o amor putrificado.
sonhos invertebrados,
em autópsias, fracasso.

Silhuetas

Em viagem,
o Vigia de Mar,
na parte mais alta,
no ombro de um Polifemo hospitaleiro,
audaciosas ondas no costado,

passava os dias descascando
as batatas e o horizonte...

cardumes de batatas,
fugiente horizonte.

batatas enfarruscadas
e o horizonte sujo de navios.
batatas, manchas pretas,
no horizonte, silhuetas,
e a absurda brancura das garças,
alongadas da salsugem dos portos,
da penugem dos pássaros,
Ah, Escola de Aprendizes-Marinheiros:
primeira plumagem...

em viagem, noites sem ela, sem lua,
luas leprosas, dias sombrios,
o peixe inseguro, desconfortos do exílio,
ventos contrários, marujos solidários,
incrustações marinhas, incrustações terrestres,

cardumes de cicatrizes,

sou jardineiro, é natural
um pouco de terra no poema
para que palavras germinem
às alturas das antenas.

a esperança, no dique-,
realiza reparos.

no horizonte em combate os absurdos.
aprendi a ver pelos destroços.

Para observar o horizonte

Vigia de mar,
vigilância visual e auditiva,
era pago para observar o horizonte:
gelo, destroços, sinais de socorro,
qualquer risco.
à noite netuno riscava com seu tridente
um verso fosforescente
e enviava de presente
para olhos mais atentos
e canetas nos ouvidos.
uma noite ouviu uns sons,
não eram alvos, eram uivos
de uma buzina de neblina
e veio o vento e a dissipou,
e avistou no horizonte
um sinal de socorro:
dá-me um verso senão eu morro.
e o mar fosforesceu.

Vulneráveis

Ventos sedentos de garças,
no cais, litófagos moluscos
têm que roer pedra

porque ondas
são perversas

em torná-los
sem destino.

Passarinho psicodélico

Maconha aumenta o apetite.

Poesia diminui.

Por que insiste?

Maconha acalma.

Poesia intensifica.

Por que ainda bica?

Farmacologia do Afeto

Decepção é um derrame facial —
só um amor sublingual
para surtir rápido efeito.

A última pedra

Eclético, lapidícola,
às vezes meus poemas começam
com uma flamengaria de pardais.

a moça, outrora disponível,
ao telefone diz: não mais.

na parede lisa, livre de erosão,
a gárgula borbulha
passageira chuva de verão —
é a última pedra entre o caos e o poema.

e as palavras vão encontrando seus galhos.
à luz mortícia do luar parecem petrificadas.

Obstupefato

Meus poemas têm roído os ossos deste rio,
cadáver de luz, alvuras de garças.

azul tempestade,

qualquer coisa é ferocível.

a tragédia chega num detalhe.

condenado ao naufrágio, obstupefato,
solevantei-me por instantes
para despencar no abismo.

Violino

minha avó foi musicista,
era a glória do combate,
era a negra Guiomar.

e bem depois de sua morte,
abriram-me a porta
e lá estava piano,
em cima dele escaleta,
teclado, sanfona,
trompete, clarineta,
trombone, pistom...
disseram escolhe,
o que abraçar já é seu.

e mirando as teclas,
piano, teclado,
sanfona, escaleta
são crianças, dentes brancos,
dentes sujos de carvão. não.

o trompete,
na educação musical
da sexta série,
onde eu era taroleiro,
dia 7 de Setembro, sobressaía.

o trombone

só mais tarde, na Marinha,
com a garça cruzei mares,
entoando Cisne Branco,
eu teria simpatia;
violoncelo, menino grande,
mais alto que seu pai,
os meus olhos percorrendo,
com apenas 4 anos,
avancei nas 4 cordas,
abraçei o violino,
aquela melancolia profunda
de navio que afunda
e retorna do abismo
com os acordes mais sublimes.

não me deram o violino
e disseram já é seu.

não me deram bicicleta,
quando adulto tive moto.

como é forte a afinidade
e por vezes se entrelaçam,
serei por isso poeta
a suprir a aguda falta.

poeta nem que seja
por usucapião.

eu sigo a Glória do combate.

Feltro

Vovó era musicista:
o piano e a pianista.

no piano deu cupim,
pianista, doença-ruim,

a terrível peste branca,
vovó negra, peste branca,
peste branca era vovô,

ele era um gafanhoto
no pulmão da minha avó.

baterias, bactérias,
devorou as artérias

pulmonares, pelos ares
eis a música a tocar
no piano de brinquedo:

minha avó foi musicista,
meu avô era pedreiro.

os martelos do piano
encantaram meu avô.

os martelos de vovô

destruíram minha avó.

meu avô não tinha filtro, feltro,
estridente tridente de Netuno,
furioso, produzindo pedras.

nos martelos de vovô
não havia harmonias.

com o tempo, tantos golpes
repetidos, minha avó endureceu,
já não se deixava lixar pela poesia,
e a cada dia endurecia a ponto de dizer,
Joaquim, você vai morrer como eu
e morreu.

Novas aventuras

o caminho mais curto
cortava por becos, pátios,
terrenos baldios...
conhecia o território o mais ligeiro,
como um marinheiro conhece
todas as ruas do mar.

Corta-caminho! Corta-caminho!
Vamos cortar caminho pelo barro?!

Pelas ruas dos bairros
brincava-se de cortar caminho,
sem o risco de encontrar
um ninho de fuzis.

Agora, hostis,
somos quatro Brasis,
e só podemos cortar caminho
pela tela do computador.

LASANA LUKATA

Brutal Carpintaria

Tarde nublada, forte vento.

Falcões falquejam na cidade.

Desbastam pombos e pardais.

Fogo de Santelmo

Peixinhôôôôô! Coisa boa!

Sardinha, corvina, xerelete, peixe-agulha

o navio chegava à Bahia.

o sol soçobrava no mar.

Sentada num recife, Anfitriete,

suturava o mundo

com a Linha do Equador.

Peixinhôôôôô! Coisa boa!

Sardinha, corvina, xerelete, peixe-galo

Aviso de peixe chegando...

Praia do peixe.

Rua do peixe.

Mercado do peixe.

Restaurante do peixe,

preço salgado, diz o garçom,

reparando na vestimenta.

Aê o limão do Mato Grosso!

Casca fina, caldo grosso.

peixe, limão, clássica combinação,

cientificogastro poeticamente.

Ah, os pregões da política.

ouvindo pregões,

aprendi a não ser o estrondoso mar,
mas, suaviloquente,
envolver com as palavras.
e as mulheres dizendo:
a gente não quer comprar,
mas acaba comprando;
a gente não quer rir,
mas acaba rindo.

Peixeirôôôô! Coisa boa!

Sardinha, corvina, xerelete, peixe-pedra.

No cais, carregadores de pedras de lastro
para dar estabilidade aos navios.
não o homem sobre a pedra,
mas a pedra sobre o homem.
e vieram as águas de lastro
e as mágoas do desemprego.

Peixinhôôôô! Coisa boa!

Sardinha, corvina, xerelete, namorado

No jogo do navio,
há quem se jogue no mar por amor:
Noiva pula no comandante,
pula, no mar, o tripulante.

Peixinhôôôô! Coisa boa!

Sardinha, corvina, xerelete, peixe-livro

o cargueiro chegando da Espanha,
trazendo o livro de Walter F. Otto,
Las Musas, del habla y del Canto.

Peixeirôôôô! Coisa boa!

Sardinha, corvina, xerelete, peixe-galo

pelos mares navios de 20 andares
vieram por suas rotas fixas,
e, do altíssimo Queen Mary II,
a vi descer com olhos brilhantes,
carne firme de tainha fresca.
tarde lírica e romanesca.
seu perfume na praça,
o mar não tem destino.

Peixinhôôôô! Coisa boa!

Sardinha, corvina, xerelete, peixe-espada

Nos Cruzeiros Literários
vem o Fogo de Santelmo,
ilumina muitos elmos,
anuncia tempestades.
aviso do peixe chegando
assado
no fogo dos fuzis.



LASANA LUKATA

IV

Garça heterônima

A tarde transcende,
a garça deixa o mar
e vai descansar,
no Campo de Santana,
onde, com gana, amei uma Ana —
que era Cristina e cristiana.

vai pela Presidente Vargas
branquear suas chagas
de não ter fígado
um peixe sequer.

vai heterônima,
por entre edifícios,
voo difícil:
de mulher
e República.



Aristocrata

Pensando em ti,
no céu da UFRJ,
eu via a letra M
no voo de uma fragata.
um M de Monique,
a boca não democrata.
e lhe dei brincos de lata.

Quando as pedras ficam lisas

As fragatas são um M de morte



Garça descontrolada

Diante do mar,
o homem de terno e gravata
põe a pata leonina no cais.

sílabas tangidas, constrangidas
pelo agulhão da sua caneta,
assim a marcha da linguagem,
ninguém dirige minhas palavras.

seguranças à volta.
persuarde-o o azul,
mira indistinguíveis andorinhas
e abona a violência da gaivota
que explode no ar.

excitam-no as fragatas,
aves-de-guerra, piratas-do-mar,
garças do governo,
com a estrutura cristalina
do hábito de roubar, assediar
até à rendição e as aves perseguidas
regurgitem o peixe.

faz apologia do sangue
no bico do polvo,
no bico das aves de rapina.

diante da fêmea,
plumas da fama,
esplêndidas cores,

altivamente exibidas,
subcorrem horrores
das subcorrentes,
delitescências,
por baixo de outras,
opostas ao povo.

um país em contato
com águas turvas
deliquesce.

diante do mar,
o homem sem paletó e gravata
encolhe a pata como uma garça,
se inspira nas proas cortando a água,
abissais inspirações, faz-se de surdo
para o Poema dos Lázarus
que só ganham retalhos para cobrir as feridas,
feridas corcundas.

olhos de águia-marinha
para além da ponte e horizonte,
no bolso, em prontidão,
a caneta oportunista, generalista,
caçadora, predadora,
capaz de capturar outras canetas-
roubar suas presas-
uma caneta com bico ensanguentado.



Biguá

Chegam bandos de garças ao Rio Meriti:

Garças vindas do Sul,
Garças vindas do Norte,
Garças lindas do Leste,
Garças lindas do Oeste.

No céu são brancos lençóis.
Um deles tem uma mancha escura,
a pequena mancha escura,
mancha que não tem a altura das garças,
mancha que faz rodízio pelos bandos
como alguém que fala mal de outro para todos.

A mancha é um mergulhão
e, como biguá, você mergulha
repetidamente em minha vida
até encontrar a ferida
e trazê-la à superfície.
Meu corpo: 30% água,
70% mágoa.

Necrópolis

Sem o perfume das albízias,
a serventia das mangueiras,
as duas árvores da praça
foram tidas por inúteis,
atacadas por prefeito,
franciscano as defendeu.

ninguém percebeu
as duas árvores da praça
em verdade um portal
por onde chega a poesia.

quando você passa,
as duas árvores da praça,
sem enfardecer o entardecer,
com suas folhas coração,
refrescam seu caminho.

as duas árvores da praça
abrigavam morcegos,
controlando mosquitos;

as duas árvores da praça
são também uma ameaça,
figueiras religiosas,
figueiras estranguladoras,

asfixiam outras árvores,
impedindo a seiva...

à sombra siamesa
das duas árvores da praça
tem começo, comércio,
comício, ofício de poeta,
tanta coisa se abrigava
e não se abriga mais.

abrigavam pardais,
abrigavam casais,
hoje abrigam fatais
destinos de pessoas.

Na cidade Formigueiro
das duas árvores da praça
só prosperam os cemitérios.

Tríade do fracasso

Salomão e Polifemo

Polifemo, velho e cego,
já não pode ver o mar.
Conduzido pelos irmãos que se revezam,
sente o vento,
o spray das ondas mais amáveis;
ouve golfinhos, baleias,
a trombeta de Tritão.
Os irmãos descrevem os novos barcos que passam:
sem remos, sem velas,
máquinas empurrando o horizonte,
deixando nuvens escuras no ar.
Um deles se levanta para varrer a ilha,
folhas de parreiras
que foram a desgraça.
— Irmão,
você varre com a vassoura em pé.
Deite-a,
assim apanha mais.
Outro vai preparar a janta.
Polifemo escuta o abismo
pela boca das sereias:
adquirir profundidade,
convite sem borda.
No instante em que lamenta
não ter comido Ulisses primeiro,
de ter deixado para o fim
a sabedoria.

E as sereias o consolam:

— Salomão pediu sabedoria.

Você a deixou por último.

Depois desceram

à mesma escuridade.

Bigodeira

Proa

caturra, caturra, desenvolve bigodeira.

Comando a explicar fenômenos

na viagem de instrução

dos grumetes: peixes-voadores —
na verdade, planadores; bigodeira...

— Comandante, se me permite:
bigodeira, espuma de Afrodite.

o comandante ri, poeta a bordo?!

Vigia grumete, Afrodite submete.

e a bigodeira, lá na popa, em esteira,

sob os astros, vira rastro.

no cais, água doce.

mar grosso.

Nafragado Salomão.

Aprendiz de Marinheiro

correu por treze anos atrás duma mulher,
ela no mar, de lancha; ele, num escaler.



Da Linha Vermelha –
A baía poluída
garças rosadas.

Quando as pedras ficam lisas

Poemas da Madrasta

Madráspide I

Fui o implume filhote
que recebeu o bote da serpente.
Minha mãe afastou-se tanto da árvore
e quando voltou, gritando,
nervosa como uma ambulância,
nem o ninho era seu.

tornei-me Orfeu

dos escombros.

Quina de Âs

No telhado,
o granizo
imprimia
uma tristeza
sobre o zinco;
eu sentado,
só, à mesa,
na outra ponta
se sentavam
os outros cinco.
todos eles
me olhavam
com afinco.
tempestades,
em madrasta,
um granizo
pendurado
no seu brinco,
espalhava
a frieza
até o vinco.

Arquitetura da Queda

Mesóclise

Pais separando
entre eles o menino
dando a mão a um e outro
mesóclise

a mãe próclise
com palavras negativas
o atraía para antes do verbo

o pai ênclise
com um ar imperativo
arrastava-o para depois do verbo

três lâmpadas
uma a uma apagaram-se as luzes
e a ideia de futuro

Gramática Reflexiva

Na jaula de aula
quando a professora perguntava
como era a minha família
eu dizia que era um tritongo,
que era poema,
dançávamos jongo,
mas nas mãos de meu pai,
que já andava escrevendo em outras páginas,
fui a lança que, noutra dança,
mortalmente feriu minha mãe,
no tribunal, diante do juiz,
rompeu-se o verso
e — **hiatizadas** —
nos tornamos sílabas,
dispersas na gramática.

Separação de sílabas

**na sala de aula
quando a professora perguntava
como era a minha família
eu dizia que era um tritongo
havia cigarra
dançávamos jongo
mas a mãe se foi
a cigarra morreu
a dança acabou
a tristeza invadiu
meu pai e a mim
e viramos ditongo
mas veio a madrasta
que teve três filhos
me jogou num hiato
e fiquei feito um i
em ICARA-í**



LASANA LUKATA

Trilogia do despedaçamento Emocional

Diplomacia Escravagista

Entre pai e madrasta

me chamam pilastra
embutida em suas vidas,
dividindo ditongo,
neoditongo
ou elemento decorando
uma família de fachada,
revestido de pedra,
suportando suas cargas,
diplomacia escravagista?

entre pai e madrasta
o poema não se mostra,

força bruta, força brita—
brota brusca— poesia.

Medeia

Nova Ordem, chega a madrasta,
o império se alastra
por dentro da casa.
não pode poema, não pode ter asa,
meu nome LASANA me chama de LASA,
sou um bolo pré-cortado,
a voz de pedra afiada,
que a tudo separa,
D E S P E D A Ç A,
servindo a infância em fatias,
metodicamente mata a família,
nasce a sílaba,
que era poema,
agora fonema,
ICARA-í.

Telêmaco

Telêmaco

já não posso voltar

onde não me acho

onde não me encaixo

põe-me para baixo

madrasta

menino-pilastra

Rocha da Separação

Madrasta, nome de pedra, Diamantina.
montanhosa, rachosa, rochosa, rixosa,
pôs-se entre mim e meu pai,
impedindo que eu o visse.
meu pai de um lado, eu do lado oposto
sem saber como furar aquela pedra,
a chamei de Rocha da Separação.
e os meninos trabalhando na pedreira,
perguntavam: vai furar a pedra hoje?!

Roda Gigante

Noite brilhante,
cravejada de pedras preciosas,
esmeralda, turquesa,
rubi, safira,
inspira, gira
em torno de um eixo
os seixos da infância.

alternância desta vida,
bancos oscilantes.
gira, gira, mirante,
miro pedras de mentira
no anel da madrasta.
seu nome verdadeiro
oculto em uma pasta:
Diamantina.

Semelhante

Madrasta de gêmeos,
duas caras,
dois registros de nascimento.
falsa como as pedras do seu anel.
Diamantina, nome gemífero,
fez-me gemer.

Diamantina — diamante?

Diamantina — semelhante.

Etimologia

Diamantina

teu nome fala, entorna conteúdo,
tu és pedra que clama por dureza
afiei meu verso na aspereza
como as explodidas pedras da Geórgia
Jesus quebrou esta pedra hoje

Uma casa com bonecas

Com seis anos, da janela vi
madrasta, pedra chorosa.
sentada na cama
olhava seis bonecas
no alto do guarda-roupa.

desceu as seis,
pôs na cama
e chorou encolhida
a infância perdida.

a mãe no quarto:
nunca me deram uma boneca.

virei peteca aos 11 anos,
de casa em casa de **família**,
nunca **filha**.



Fotografei essas árvores da janela do ônibus, na Avenida Getúlio de Moura, antiga Estrada de Minas, onde nasci. Todos diziam que era um coqueiro e uma amendoeira; em meus delírios maternos eram mãe e filho.

Ícaro

Ícaro caiu dos ares,
nas águas de ácaros,
salvo pelo rei dos mares,
levado até o cais,
acresceu P de Poseidon, hacedor de piedras,
ao seu nome
e tornou-se pícaro.

Ruinaria

No fundo da Baía de Guanabara,
parindo estrelas, noite de lua.

Contra o vento a falua,
latinas velas, movida a remo,
o poema movido à rima.

acima a Serra dos Órgãos,
verde música dos olhos,
de um tempo movido a ouro,
pedras faiscantes.

hoje o Porto da Estrela,
no fundo da baía,
como eu desmoronou,
viceja só ruinaria.

a suada riqueza levada pelo mar,
levada agora apenas em um clique.

Ciclopa

Guerra, Ciclopa que não se farta
de carne humana.

já comi coelho ao vinho.
a guerra come homem ao vinho.
sua careta de escárnio
para homens cinzentos.

o vigia de mar esquadrinha,
a guerra, mais rápida que a razão,
esquarteja horizontes.

Ciclopa só tem um olho:
da guerra,
da inospitalidade.

Néscia, nasceu sem o olho
da compaixão.

Monstruosa fêmea,
calculada solidariedade.

se já não temos ombros,
quem vai apoiar-se nos escombros?

e os que são pagos
para fechar os olhos,
cruzam os braços.
mar que abandona suas estrelas.

Porta

Abriu e se fechou.
tornou a se abrir,
mas grande ir e vir,
vai e vem
entra e sai

não quis
mais insistir.

onde cresceu essa uva?
entre a chama e a chuva?

nada pétrea:
porta que aborta,
porta que suporta

inchada por outras águas mal secadas.

e a seiva ainda sobe

o flamboyant
só por ti a abrasar-se.



Epitáfio

Na minha página de amor,
nenhum nome foi escrito.

LASANA LUKATA

A gramática como experiência

A arquitetura da queda

O poema “Separação de sílabas” não nasceu inteiro. Foi um poema que levou cerca de dois anos para amadurecer. Durante esse tempo eu estudava Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, na UFRJ, e, ao mesmo tempo, voltava o olhar para minha própria história familiar — sobretudo para a memória de minha ascendência, como a de minha avó negra e musicista ocultada por toda a minha infância.

Como sou extremamente auditivo, o primeiro impulso veio do som. Estrato fônico. Lembro-me então de uma aula do professor Ronaldo de Melo e Souza, na UFRJ, quando ele disse algo que nunca esqueci: “som é sentido.” Aquela frase ficou guardada. Parecia simples, mas continha uma verdade profunda sobre a poesia.

Minha relação com a língua portuguesa começou muito cedo, ainda na escola. Eu lia poemas de Mário Quintana e Carlos Drummond de Andrade em um livro didático chamado Estudos Dirigidos de Português. Na ingenuidade de menino, pensei que, se escrevesse um poema atravessado pela própria língua portuguesa — um poema feito com a matéria da gramática — talvez ele também pudesse um dia aparecer num livro escolar.

Era uma ingenuidade, claro. Mas foi justamente essa ingenuidade que plantou a semente do poema.

Durante muito tempo carreguei essa intuição sem saber como transformá-la em forma. Lembro-me de um comentário de Joseph Conrad, um de meus mestres de leitura: a literatura precisa fazer ver. Eu sentia que havia um poema ali, escondido dentro da gramática, mas ainda não sabia como fazê-lo aparecer.

A chave começou a surgir quando percebi que a gramática pedagógica escondia pequenas narrativas humanas. As figuras fonéticas — ditongo, tritongo, hiato — não eram apenas classificações técnicas. Podiam tornar-se imagens da vida. E isso se deu quando um dia acordei, lembrando do Grupo Escolar Tiradentes, hoje, Alzira do Santos Silva, na sala de aula com a professora Miriam perguntando um a um: como é a sua família? Essa frase foi o disparador do poema. Foi um alívio pois por muito tempo carreguei o esqueleto: Tritongo, Ditongo, hiato sem conseguir dar forma ao poema.

A emoção nascia da gramática.

O tritongo, por exemplo, representa três sons inseparáveis numa mesma sílaba. Ali estava uma imagem possível da família unida. O drama surge quando essa unidade se rompe. O trágico — ou melhor, o páthos, filtrado por uma linguagem trágica — aparece justamente no momento da ruptura. O poema terminava: e fiquei feito um i/na palavra SA-í-DA. E surgiram dois problemas, o número de letras não espelhava a nova família, a palavra saída era hiato, mas tinha apenas 5 letras e eram 6 pessoas, e queria que ficasse visível a ideia de escanteio, desprezo, solidão, exílio. Voltei às gramáticas tornando-me um caçador de hiatos. Após muito procurar, passando pela Praça Tiradentes, na frente do sebo do Márcio, a pilha de livros na porta desceu, uma

cachoeira de livros pela calçada. Eu ia saltar sobre os livros e seguir, logo viria o livreiro, mas uma prostitua se abaixou a juntar os livros. Envergonhado não saltei, abaixei-me fui ajudando e pensei alto: quem sabe acho uma gramática nesse meio? A prostitua respondeu: quem sabe?! E havia por apenas um real. A prostituta se foi e ansioso, paguei o livro e sentei-me na Praça para caçar hiatos. Finalmente encontrei as palavras Itajaí e Icaraí com 6 letras. Preferi Icaraí por motivos sonoros: o fonema /c/ permite que o verso deslize até o final, enquanto o fonema linguodental /t/ de Itajaí cria uma batida que enfraquece o grito agudo dessa vogal comprimida, oprimida. Assim a palavra ficou ICARA-Í por conta da pedra de dominó onde descobri que estava só como veremos a seguir

Separação de sílabas

na sala de aula
quando a professora perguntava
como era a minha família
eu dizia que era um tritongo
havia cigarra
dançávamos jongo
mas a mãe se foi
a cigarra morreu
a dança acabou
a tristeza invadiu
meu pai e a mim
e viramos ditongo
mas veio a madrasta
que teve três filhos
me jogou num hiato
e fiquei feito um i
em ICARA-í

Observando o poema, percebe-se que sua estrutura se aproxima, de forma inesperada, da arquitetura de uma pequena tragédia se podemos assim dizer. Primeiro surge a unidade, representada pelo tritongo. Depois ocorre a ruptura, quando essa unidade se desfaz. Por fim, resta apenas o som isolado.

No final do poema aparece a palavra Icarai. Naturalmente, trata-se de um topônimo em Niterói e Minas Gerais, mas, dentro do poema, esse nome deixa de ser apenas geografia e passa a assumir um valor simbólico.

O poema rompe a palavra e a transforma em estrutura fonética:

ICARA-í

O que antes era apenas um lugar passa a representar uma condição humana. O í final, isolado, funciona como um som estridente, quase um grito. O topônimo deixa de designar apenas um espaço geográfico e passa a simbolizar a solidão, o desprezo e o exílio que coincidia com a pedra de dominó que comprei durante o jogo, num dos sábados, a pedra quina de ás. Quando virei a pedra, meu olhar panorâmico, percebi que sentávamos sempre da mesma maneira: eles na cabeceira e eu na outra cabeceira da mesa, isolado.

Então com a palavra ICARA-í transfigurada, como ensinou Ferreira Gullar numa oficina literária, “tem que transfigurar a linguagem”, na UERJ, consegui a coincidência estrutural que reforça essa imagem: ICARAÍ possui seis letras, exatamente o número de pessoas que passam a compor a nova configuração familiar após a separação.

Curiosamente, esse í final, destacado do corpo da palavra, parece também ecoar, no plano sonoro, o mito da queda. Como se restasse ali apenas um fragmento fonético de Ícaro, reduzido ao grito de uma vogal isolada. A palavra que antes era geografia transforma-se, assim, em signo da queda.

A própria gramática oferece uma espécie de escada fonética: o tritongo representa a máxima concentração sonora; o ditongo já reduz essa unidade; o hiato rompe definitivamente a fusão das vogais; e, por fim, resta apenas o fonema isolado.

À primeira vista, essa sequência poderia sugerir apenas uma classificação pedagógica da língua. No entanto, dentro do poema ela assume outro sentido. A escada que a gramática apresenta como organização transforma-se numa escada invertida. Em vez de ascensão, temos uma descida.

Trata-se de uma verdadeira descida linguística, uma espécie de catábase, uma descida aos infernos da própria linguagem.

Essa descida ocorre em três planos simultâneos.

Primeiro, há a descida sonora: da concentração máxima do tritongo ao fonema isolado.

Depois, há a descida familiar: da unidade da família à dispersão dos seus membros.

Por fim, há a descida estrutural: do verso ainda inteiro à fragmentação em sílabas.

Aquilo que era família transforma-se em fragmento; aquilo que era verso torna-se sílaba; e aquilo que era palavra termina reduzido a um som solitário.

Nesse ponto, a própria gramática revela uma espécie de escada invertida. Aquilo que na pedagogia aparece como classificação linguística transforma-se, dentro do poema, em trajetória dramática: do tritongo à separação do hiato, até chegar ao fonema isolado. A linguagem reproduz, assim, a própria experiência da queda.

Hoje, 14 de março, dia Nacional da Poesia, meu aniversário, percebi que aquela experiência ainda estava viva dentro de mim e pediu um novo desdobramento. Assim nasceu o poema “Gramática Reflexiva”. Nele, a cena escolar reaparece: a professora perguntando aos alunos como era a família de cada um. O menino responde com imagens gramaticais — tritongo, poema, jongo — até que o drama familiar rompe o verso e a unidade se desfaz.

Gramática Reflexiva

Na jaula de aula
quando a professora perguntava
como era a minha família
eu dizia que era um tritongo,
que era poema,
dançávamos jongo,
mas nas mãos de meu pai,
que já andava escrevendo em outras páginas,
fui a lança que, noutra dança,
mortalmente feriu minha mãe,
no tribunal, diante do juiz,
rompeu-se o verso
e — hiatizadas —
nos tornamos sílabas,
dispersas na gramática.

Observando os dois poemas juntos, torna-se visível aquilo que chamei de arquitetura da queda, queda essa que reaparece no poema Andaimaria.

Primeiro aparece a unidade. Depois vem a ruptura. Por fim, resta apenas a dispersão.

A gramática, nesse ponto, deixa de ser apenas instrumento de ensino e passa a revelar uma estrutura simbólica da experiência humana.

Talvez seja isso que a poesia faz em seus momentos mais intensos: transformar a linguagem em experiência e a experiência em linguagem.

Nesse sentido, a gramática deixa de ser apenas regra. Ela se torna também memória, drama e queda.

A sintaxe da queda: uma trilogia gramatical

Afundei em todos os navios,
vim aos ares com todos os poemas
como a proa que retorna do abismo

Se observarmos o percurso desses poemas em conjunto, torna-se possível perceber uma organização interna que ultrapassa o plano individual de cada texto. Há entre eles uma continuidade estrutural, como se formassem uma pequena trilogia regida pela própria gramática.

Essa sequência pode ser compreendida da seguinte forma:

Mesóclise → Gramática Reflexiva → Separação de sílabas

Antes da ruptura explícita, há ainda um momento de tensão e equilíbrio instável, que aparece no poema a seguir:

Mesóclise

pais separados
entre eles o menino
dando a mão a um e outro
mesóclise

a mãe próclise
com palavras negativas
o atraía para antes do verbo

o pai ênclise
com um ar imperativo
arrastava-o para depois do verbo

três lâmpadas
uma a uma apagaram-se as luzes
e a ideia de futuro

LASANA LUKATA, 14 DE MARÇO DE 2026

ISBN 978-655376545-0



9

786553

765450